

## Resenha

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa**: Investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro, 2008.134p.

**Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti**<sup>1</sup>

Doutor em Letras e Linguística pela UFAL

Professor de Língua Portuguesa e Linguística do Instituto Federal de Alagoas – IFAL

A pesquisa-ação de cunho colaborativo nas discussões de Ibiapina (2008) é apresentada em três partes: 1) o diálogo com os cânones; 2) a ossatura da pesquisa colaborativa; e 3) ferramentas, recursos e procedimentos metodológicos utilizados na produção e difusão da pesquisa colaborativa. Na primeira parte, que apresenta o **diálogo com os cânones** (grifos nossos), a autora concebe que há diferentes maneiras de pesquisar na ação, trazendo um aporte a respeito da propagação da pesquisa-ação na década de 1980. Para tanto, suscita reflexões sobre esse viés, entre elas podemos destacar: a) o estudo é desencadeado a partir de determinada prática social suscetível de melhoria; b) é realizado levando-se em consideração a espiral de planejamento, ação, observação, reflexão, nova ação; c) é desenvolvido, preferencialmente, de forma colaborativa. A partir dessa visão, pode-se contemplar o caráter emancipatório e político, cujo tratamento é dado pela autora ao assumir este tipo de pesquisa dessa forma ao longo de sua obra, o que é denominado como *empowerment research*.

Convém destacar, por essa ótica, que existem distinções nos enfoques da pesquisa-ação: **de caráter técnico**, de **caráter prático** e de **caráter emancipatório** (grifos nossos). De acordo com uma perspectiva emancipatória: não consiste em melhorar o debate educativo e depois melhorar a educação. Esses processos (aspectos) estão entrelaçados e devem acontecer, concomitantemente, por meio de ação emancipatória (KEMMIS *apud* IBIAPINA, 2008, p. 11).

A pesquisa-ação em Educação se expandiu em diversos países da Europa, África e América. O bojo desse tipo de pesquisa é a preocupação dos/as pesquisadores/as com a análise das práticas docentes a partir de intervenções (prefiro, nesse caso, nomear mais atualmente como mediações) que possibilitem a melhoria do trabalho docente. O propósito, assim, não somente diz respeito a abordagem sobre a Educação, mas também

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: richardcavalcanti@hotmail.com

se volta à investigação sobre a Educação.

Ibiapina (2008, p.15) aborda a investigação-ação emancipatória como prática social empreendida pelos/as pesquisadores/as e professores/as com o objetivo de melhorar ou modificar a compreensão de determinada realidade e as condições materiais nas quais o trabalho docente é realizado. Como etapas do caráter emancipatório são elencadas as seguintes ações: 1) planificação; 2) ação de intervenção e de teorização; 3) reconstrução da prática. Ademais, como condições da pesquisa-ação nesses moldes, considerem-se os seguintes aspectos: a) a colaboração; b) os círculos reflexivos; c) a coprodução de conhecimentos entre pesquisadores e professores (IBIAPINA, 2008, p. 17).

Nesse tocante, a pesquisa-ação somente pode ser considerada emancipatória à medida em que se presta a ser colaborativa. Dessa forma, a pesquisa colaborativa proporciona condições para que os docentes reflitam sobre a sua atividade e cria situações que propiciam o questionamento de aspectos da prática profissional que preocupam docentes e formadores/as de docentes, tanto na formação inicial quanto na continuada, na academia e para além dela, no que, metaforicamente, chamamos como “chão da escola”. Com isso, a autora nos brinda com um conceito já difundido na academia, recorrentemente, que diz respeito à concepção de professor-pesquisador. Segundo Elliot (*apud* IBIAPINA, 2008, p. 21), o conceito de professor-pesquisador que situa esse/a profissional como um sujeito reflexivo, perpassa a compreensão de que a prática docente enseja uma perspectiva de aperfeiçoamento contínuo – o que também podemos nomear como uma das nuances da profissionalização docente.

Em consonância com a autora: “A pesquisa colaborativa reconcilia duas dimensões da pesquisa em educação, **a construção de saberes e a formação contínua de professores**” (p. 21). Sendo essa uma prática alternativa de indagar a realidade educativa em que investigadores/as e educadores/as trabalham conjuntamente na implementação de mudanças e na análise de problemas, compartilhando a responsabilidade na tomada de decisões e na realização das tarefas de investigação.

Na segunda parte da obra em rela, a autora traz à baila o arcabouço teórico, ou seja, **a ossatura da pesquisa colaborativa** (grifos nossos). O tema nos conduz a uma reflexão sobre a proposição desse tipo de abordagem investigativa; ao tempo em que se entende ossatura como suporte de um corpo ou sistema, ou seja, algo que dá sustentação; o que desencadeia uma ação conjunta de saberes para observar, examinar, investigar e

analisar causas ou efeitos de um dado fenômeno.

Nesse tocante, ressalta-se a importância da pesquisa colaborativa na Educação, dentro de uma visão emancipatória, quando se faz necessário que professores/as e pesquisadores/as se comprometam a rever suas práticas pedagógicas, numa perspectiva crítica e questionadora de mundo, associada a uma atitude coletivo-reflexiva, objetivando minimizar os problemas que angustiam os sujeitos docentes no campo da Educação. Por ser a escola um referencial de sociedade, prenhe de vários pensamentos ideológicos, inseridos em uma rede de relações ambíguas de cultura e poder, busca-se, por meio da investigação colaborativa, a possibilidade de mudar, em alguma proporção, esse cenário repleto em singularidade e conflitos de valores.

Percebe-se que o diferencial desse tipo de pesquisa é o de possibilitar aos envolvidos uma compreensão entre a vivência, crença do que é dito ou imposto acerca do objeto que está sendo estudado. Portanto, a pesquisa-ação colaborativa permite uma reflexão dialógica entre os pares, alicerçada em análises discursivas que, de forma coparticipativa, coparceira e coautora, vão direcionando a construção coletiva sobre o conteúdo analisado e, com base nisso, criam-se redes colaborativas de formação docente.

Segundo Ibiapina (2008, p.27), parte-se do princípio de que, para transformar a escola, é preciso compreender que educação e sociedade são fenômenos complexos e contraditórios e que a escola, além de instrumento de transmissão dos saberes acumulados e de formação de mão-de-obra qualificada, é também espaço de transformação. Nesse sentido, a pesquisa colaborativa permite analisar criticamente as ações politizadas do contexto escolar, buscando provocar mudanças que venham a beneficiar as práticas educativas, desvelando as relações de poder por meio de um processo dinâmico, consciente e transformador.

Diante disso, tem-se início o processo, com a sensibilização dos/as colaboradores/as, partindo do estudo sistemático sobre os princípios da pesquisa. Nesse momento, o/a pesquisador/a pode fazer uma exposição abreviada sobre a importância da pesquisa e do grupo para refletir sobre os problemas que permeiam as práticas educativas, buscando ouvir as ideologias dos/as sujeitos colaboradores e, ainda, (re)negociando as atribuições pertinentes a cada um/a; estabelecendo relações de reciprocidade, associada à habilidade de se adaptar a novas situações num clima de comunicação interpessoal, colaboração e cooperação.

Nesse contexto, a figura do/a pesquisador/a passa a ser de mediador, conciliador

de conflitos, buscando harmonizar o grupo por intermédio do diálogo e da compreensão do problema, levando-o a compreender que as perspectivas individuais vão ajudar a tomar uma decisão mutuamente satisfatória, num efetivo exercício de cidadania. Mostra-se evidente o surgimento de conflitos quando se trata de trabalho colaborativo; no entanto, a sublimidade está em saber administrá-los, procurando eliminá-los, de modo que as diferenças venham a fortalecer, orientar e guiar as ações docentes nesse processo investigativo-formativo. Esse fortalecimento advém de esclarecimentos e de negociações junto aos/às docentes no que se refere: i) aos objetivos e programação dos encontros; ii) quais procedimentos de trabalho devem ser adotados; iii) definição conjunta sobre os tipos de construção e análise; iv) decisões sobre a pertinência de identificação dos participantes e, finalmente, v) duração da pesquisa.

Concordamos com Ibiapina (2008, p. 41) ao nos posicionarmos que o diagnóstico das necessidades de formação não pode ser ignorado, visto que a partir daí consegue-se visualizar, durante o processo da pesquisa, as lacunas que devem ser preenchidas com cursos de formação continuada, provocando uma imersão em saberes já internalizados, ao tempo em que oportuniza um aprimoramento no aprendizado, rearticulando e recontextualizando experiências e conhecimentos.

Na última parte, apresentam-se **ferramentas, recursos e procedimentos metodológicos utilizados na produção e difusão da pesquisa colaborativa** (grifos nossos). A base da pesquisa colaborativa é a certeza de que os indivíduos (para mim, sujeitos) se tornam mais conscientes em processos reflexivos, preferencialmente colaborativos, que motivem o diálogo entre professores e entre professores e pesquisadores. Daí a relevância da reflexão crítica compartilhada sobre as práticas docentes, que refuta a oposição entre conhecimento prático e teórico.

Portanto, a obra em tela é, na condição de docente-pesquisador e professor de Metodologia da Pesquisa no Programa de Pós-Graduação ao qual me filio (ProfEPT/Ifal), uma das basilares ao debate a respeito da reelaboração de saberes socialmente construídos a partir da partilha docente, em que os conhecimentos acadêmicos e os práticos se amalgamam e, por isso, devem transcender o verbalismo acadêmico e o ativismo prático, parafraseando Freire (1996, p.25). Tal discussão, em especial, é direcionada a todos/as aqueles/as que vislumbram o trabalho com práticas colaborativas docentes numa vertente emancipatória, além de possibilitar diálogos com os/as demais interessados/as na temática.

Enviado: janeiro/2023.

A Resenha (IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa:** Investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro, 2008.134p.) está muito bem estruturada, coesa e coerente.

O texto faz menção às discussões de Ibiapina (2008), apresentando três partes: o diálogo com os cânones; a ossatura da pesquisa colaborativa; e ferramentas, recursos e procedimentos metodológicos utilizados na produção e difusão da pesquisa colaborativa.

Além disso, aborda a investigação-ação emancipatória como prática social empreendida pelos/as pesquisadores/as e professores/as com o objetivo de melhorar ou modificar a compreensão de determinada realidade e as condições materiais nas quais o trabalho docente é realizado.

Na conclusão, discorre sobre a temática e conversa com outro pesquisador e vislumbra o trabalho com práticas colaborativas docentes numa vertente emancipatória, além de possibilitar diálogos com os/as demais interessados/as na temática.

Aceito: 13/02/2023 .